

do ; assentem-n'ò juncto a uma mesa redonda, collocada bem no meio da salla ; ponham-lhe nas mãos o codigo commercial Francez, e no nariz uns grandes oculos de côr azul : e terão figurado a nova personagem, de que fallo.

Imbaraçado no meio da leitura pela difficuldade, que encontrára na versão de uma phrase, tinha Bernardo Mendes feito alto ; e apesar de haver absorvido três ou quatro pitadas de rapé nada podéra adeantar.

Nisto estava, quando veio distrahi-lo a entrada do amigo ; e elle deixando o livro, ergueu os oculos, fazendo ao mesmo tempo uma exclamação, mixto de sóbresalto, saudação, contentamento e curiosidade :

— « Oh ! »

— « Bôa noite : » lhe respondeu friamente Pedro da Silva : assim chamava-se o mancebo. E tendo posto o chapeo sóbre uma banca, dirigiu-se para um canto da salla, e ahi depositou a bengala que trazia : Em seguida incaminhou-se á alcova, e em quanto elle se despia, Bernardo Mendes, que tendo abandonado o codigo, se fôra collocar á entrada do aposento. soffrego lhe fazia a um so tempo mil perguntas, e lhe fallava assim :

— « Bons olhos te vejam, meu querido Pedrinho ; então, como te foi ? Divertiste-te muito ?... Assististe á novena ?... foi concorrida ?... esteve bôa a musica ?... houve muita môça ?... são bonitas ?... »

— « Esteve tudo muito bom, esteve : » disse Pedro da Silva, que parecia distrahido, e até indisposto para continuar o dialogo.

— « Sim ? que me dizeis ? ! » tornou Bernardo Mendes. « Então achas que perdi muito em la não ir ? que perdi uma coisa realmente bella ?... e me asseguras, que esteve melhor novena que as outras todas... que todas ellas ?... Tenho pena ! Mas foi uma vontade irresistivel de passar um lance d'olhos pelos meus livros commerciaes. E a proposito, deparei com uma phrase diabolica ; queres ver ? »

— « Deixa-me, que ardo em calor. »

— « Pois despe-te... despe-te, e descansa para irmos cear. Ou tencionas inda sahir... »

— « Não. »

— « Os anjos te oiçam, meu charo ; pois digo-te devéras, que não torno aos meus livros, antes que haja derrocado um bom castello de fatias, e intornado pelo menos, meio bule. »

E voltandô á mesa, fechou cuidadosamente o seu prezadissimo codigo, e com todo o mimo o depositou dentro de uma gaveta, cuja chave immediatamente metteu na algibeira da jaqueta.

Pedro da Silva sahiu da alcova, involvido em largo chambre,

e silencioso incaminhou-se para a sala do jantar; sentou-se á mesa, e não dirigiu palavra ao socio.

— « Não te serves de fiambre? » perguntou este, reparando na immobilitade de Pedro da Silva.

— « Não. »

— « E' pena que assim tenhas de voltar hoje repudiado, meu bom amigo! » disse elle fallando para o fiambre, e desviando o prato, que o continha. « Infelizmente não posso ter relações contigo; mas paciencia: isto de sympathias é coisa, de que não póde a gente dispor como lhe apraz. »

E tratou de servir o cha.

— « Homem, grande novidade te aconteceu! » exclamou elle dirigindo-se ao socio. « Estás tam calado, tam serio! Que foi la isso? ora conta-me o que houve. »

— « Nada... não houve nada. »

— « Não póde ser; pois posso eu crer que não houvesse nada? »

— « Pois não creias. »

— « Jesus! que está serio de mais! Perdão, perdão; pensei que estavas a gracejar.. Então não serves-te do cha? »

— « Não. »

— « Pois sirvo-me eu, e não me faço esperar. India bemdit-ta, que nos mimosiaste com tam ricas dadas! heide, si Deus me der saúde e dinheiro, beijar ainda o teu chão! »

E levou a chavana á bocca.

— « Heide: » continuou elle. E não hade ser a India so; hade ser tambem a China, a Persia... a Asia toda; Asia, Africa, Europa, ilhas da Oceania, terras da America... o mundo inteiro: heide, que não faltam estradas, e nem barcos de vapor; assim me não falte a mim o dinheiro, sem o qual presentemente não se avança um passo no mundo! Ora eu, a fallar a verdade, não sou rico; espero vir a sê-lo, Deus louvado! Por ora conto apenas alguns contos; alguns contos não são nada. Mas em eu chegando a sommar cinco milhões, que sejam meus, olé! bato a bota immediatamente para o melhor estaleiro da Inglaterra, compro nada menos que uma altiva galera, e toca a viajar! Que alegria! que spectaculos! que riquezas! que assombro! Ver o sancto sepulchro, as pyramides do Egypto, as montanhas da Suissa, os desertos da Arabia, os cafés de Constantinopla... oh! E quando me lembra que hade isto ser em companhia de uma consorte bella e espirituosa... ah! meu Pedro! o sangue a fervilhar sobe-me, e desce-me pelas veias, vinte vezes n'um minuto; e eu sinto uns calafrios tam suaves!... »

Aqui suspendeu-se elle, esfregando as mãos, de contente. Pedro da Silva ergueu os olhos, e encarou-o.

— « Pois não sabes ? tenho a noiva promettida e o casamento justo. Ora que duvida ! ainda aqui trago a carta do Siqueira. » E tirando do bolso uma carta, apresentou-a aberta ao socio, que se não moveu. « Vejo que não estás de pachorra para ouvi-la, bem ; é uma menina bonita como o sol, e trinta contos de dote em prata e ouro. Mas bem vês que não ando a malucar por taes coisas ; veio-me a carta ás mãos ésta tarde, e não tive occasião de t'amostrar, porque só agora nos tornámos a ver. Porém fui ler o meu código, e puz o mais de parte. Esperava-te sim—mas persuadido de que virias com outra cara—para te consultar sôbre a compra dos moveis necessarios á casa de um negociante abastado, que recebe uma noiva com todos os predicados, que ornam a filha de Agostinho Fernandes de Siqueira ; porque eu queria uma mobilia completa... menos tremós, que não sei para que servem ; basta um espelho pequeno : salvo para quem se quizesse ver a dansar ; mas felizmente isso não se dá commigo, e nem me consta, que seja dansarina a minha noiva. Menos tambem piano, ou coisa que o valha, apezar de que a rapariga morre por elle ; mas não morro eu ; e Deus por occasião do primeiro crime, subordinou a mulher, não á vontade simplesmente de seu marido, mas até ás suas paixões e dos seus caprichos. Ora porque não haviamos nós de ser como os antigos, Egypcios, que negavam ás mulheres o insino da musica ? Pois achas tu, que seja mui adequado aos encargos de uma boa mãe de familia passar um dia inteiro e metade de uma noite a cantar modinhas ternas e amorosas ? Nada, em minha casa não se precisam taes coisas ; eu quereria antes que a senhora D. Amelia se instruisse nos preceitos de economia doméstica ; não pretendo divertir-me com orquestras : nas horas do ocio, em quanto ella se entretiver com o seu bordado, eu estarei a conversar com o meu *João Baptista Say*, ou alias com o *Locré* e o *Pardessus*. Não te parece, que tenho algum juizo ? »

Pedro da Silva não lhe deu resposta ; meditava profundamente.

— « Oh ! está todo abstracto ! » disse Bernardo Mendes, descansando a chavana sôbre a mesa. « Accorda, Pedrinho : » accrescentou elle, batendo-lhe sôbre o hombro. « Pois como é isto ? como é que estou a fallar-te ha tanto tempo, e tu ahi sem ouvires nada de quanto te tenho ditto ? »

— « Deixa-me... estou incommodado... »

— « E que é que sentes ? são dores no corpo, ou dores no coração ? »

— Não sei... não sei dizer-te. »

— « Melhor ! pois vai deitar-te. »

Ja Pedro da Silva tinha-se levantado. Dirigiu-se então para o

seu aposento, e entretanto que o socio se entretinha com a terceira chavana, elle tendo corrido os ferrolhos da porta, erguera a vidraça de uma janella aberta no oitão da casa, e que deitava para o quintal, coberto de bellissimo arvoredado e variadas flores.

A lua argenteando livremente o espaço azul do ceo, derramava ao mesmo tempo um clarão pallido, mas bello, sobre as folhas verde-escuras dos arbustos, que brandamente moviam-se, de quando em quando, ao leve sôpro das virações da noite. E formava assim um quadro tam lindo e tam arrebatador, como não ha penna que possa descrever fielmente.

Existe um podêr maravilhoso, que nutre a mais mysteriosa relação entre a côr d'esse painel e os sentimentos da alma. Ha uma linguagem magica, que falla ao coração e á phantasia. Ha um incanto irresistivel na contemplação do gesto melancolico da natureza.

N'essas horas de amenidão e suavidade o ciciar das auras arremeda um suspiro mavioso; as perolas do orvalho são como lagrymas de amor; a melancholia tem recebido o seu sceptro, e derrama por toda a parte attractivas imagens de saudade, imbevecendo com seu doce halito o contemplador solitario.

E Pedro da Silva se pozera a contemplar, solitario, a belleza incantadora da noite.

Uma idéa profunda lhe occupava o pensamento, e extranhas commoções dominavam-lhe o coração.

Elle scismou, scismou longo tempo: uma vez pela maçan de seu rosto serpeou luzente uma lagryma, que lhe cahiu sobre o peito.

Depois ergueu-se, fechou a janella, apagou a luz, e deitou-se. Mas não pôde dormir.

De novo accendendo a vela, elle se dirigiu então para uma mesa sobre a qual estavam alguns livros, e tendo travado do primeiro, que seus olhos viram, tornou para o leito.

Era um livro de poesias, e elle era apaixonado por um livro como aquelle.

Mas duas horas o conservou entre mãos, e não colheu siquer duas ideas. Uma e muitas vezes deixou-o insensivelmente cahir, e depois sustendo-o tentava, mas em vão, algemar o pensamento. Fechou-o finalmente, e o atirou para o lado.

Algumas lagrymas haviam molhado as paginas d'esse livro. Pedro da Silva não tornou a se erguer, sinão pela manhan. Teria elle dormido?

O travesseiro amanheceu humido... de lagrymas.

Continua.

J. C. R.

KHODJA NASR-EL-DINE.

LEGENDA ARABE.

Si algum dia a curiosidade de artista vos levar ao Cairo, não deixeis de visitar o *Valle dos Califas*; porque sem conhecerdes este sitio maravilhoso, jamais podereis ter uma idéa perfeita das bellezas pittorescas do Oriente.

No meio dos antigos monumentos, que povôam esse valle, um *Marabuto*, cujo estylo contrasta com o de todos os mais, prender-vos-ha a attenção. Perguntae quaes são as cinzas, que elle incerra, e o vosso drogman com essa linguagem figurada, tam familiar á todos os filhos da Arabia, contar-vos-ha a legenda do *Khodja Nasr-el-Dine*. (1)

Ei-la aqui, essa legenda, tal qual no-la referiu um dos mais amaveis, e mais eruditos homens do Oriente.

No tempo de Omar — o favorito do propheta—existia na côrte dos Califas o melhor musulmano, que ainda adorou a Deus. Tinha sido a sua vida uma serie continua de preces e de boas obras; amavam-n'o todos, e o adoravam como a um santo; só a fortuna lhe negara todavia os seus surrizos. Desde a infancia, desde que começou a balbuciar o nome do propheta, nutriu sempre a esperança de fazer sua romagem á Meca, e promettia á si mesmo de só morrer depois de ter beijado a terra santa; e todavia a sua idade avançada lhe presagiava o proximo termo de seus dias, sem que elle houvesse podido ainda realizar suas mais charas esperanças.

Apezar de suas precisões, ia ajuntando o dinheiro necessario para a viagem; mas quando a somma, já crescida, o aproximava do alvo de seus desejos, seu caridoso coração, internecido pelas miserias de outrem, deixava correr pelas mãos do pobre o fructo de suas pesadas economias.

Vencido em fim por seus remorsos religiosos, jurou fechar o coração ás commoções de piedade, e realizar, quanto antes, o seu projecto sancto.

Aproximava-se o grande dia da partida; os preparativos da viagem faziam-se com essa sábia lentidão, com esse minucioso cuidado, que caracteriza os musulmanos, e muito principalmente n'esse acto, que elles reputam o mais importante da vida. Por sua parte o *Khodja Nasr-el-Dine* preparava-se para a piedosa

(1) *Nasr*, victoria; — *el-Dine*, a Religião.

solemnidade com súplicas e abluções, ainda mais numerosas, do que era seu costume.

Na manhã do dia em que tinha de partir, ao despontar do sol, elle impaciente por descobrir os caminhos, que deviam levá-lo á Meca, subiu ao monte Kattan. Ahi rendeu graças a Allah por lhe haver dado força bastante á fim de sustentar seu juramento, e prometeu-lhe abandonar aos pobres, quando voltasse, tudo o que não fosse strictamente necessario para as suas necessidades.

Oh! e o que não teria promettido o bom Nasr-el-Dine n'esse momento de extase e de gratidão? Elle figurava-se já no interior do tumulto, em posse de todos os bens promettidos aos *hadjis*, gosando das mais frescas sombras, dos mais deliciosos *xarbetes*, e das mais candidas *huris*. Um não sei que de vago e doce, que a brisa murmurava atravez dos ramos das palmeiras, era para os ouvidos do Khodja uma melodia do céo. O oriente inrubecia-se ao receber o primeiro beijo do sol, a natureza toda resplandecia tam bella, como nunca se mostrára aos olhos de Nasr-el-Dine, e o futuro se lhe apresentava illuminado pelos esplendores da immortalidade.

Depois de imbevecido longo tempo nos incantos d'este sonho, elle fez ainda uma derradeira súplica, e caminhou para a sua habitação. Mas o anjo da charidade, em cujos labios havia pairado um sorriso ao ouvir o juramento do Khodja de não dar mais esmolas, poz-se a caminhar á seu lado.

E ia o Khodja a entrar em casa, quando viu uma mulher desfeita em pranto, e que fitava com avidez os olhos sôbre uma gallinha que jazia morta a seus pés; sem que todavia se atrevesse a tocar-lhe.

— Porque choras, Kitcha? perguntou Nasr-el-Dine; e porque olhas assim essa gallinha? Não sabes, que nos é pelo propheta prohibido comer animaes mortos?

Kitcha redobrou o pranto, e exclamou suspirando:

— Tenho sette filhos, bem sabes; meu marido morreu á tanto tempo! e estou pobre... tam pobre! O propheta é bom, Nasr-el-Dine; talvez permitta elle antes comermos a carne dos animaes mortos, do que deixarmo-nos morrer de fome. Olha, não é para mim que a quero, não! porém meus filhos?... meus filhos, Nasr-el-Dine?!... Desde hontem que me pedem de comer, e eu, infeliz! não tenho nada que lhes dar!... Intendes tu, que o propheta quererá antes, que eu deixe morrer esses miseros meninos? Si o intendes assim, pois bem; deixarei esta gallinha, e obedecerei antes á Allah!

E Kitcha cahiu por terra esmagada pela violencia da dor,